

## Casamento gay gera polêmica em diversos países

Elisabetta Povoledo



Pétalas de rosas coloridas na saída do casamento simbólico entre Massimiliano Benedetto e Giuseppe Ilaria, na Itália. País não regulamentou a união e o casamento do mesmo sexo./Fotos: Marco Gualazzini-International Herald Tribune

O casamento foi tradicional em quase todos os aspectos. A música era romântica. Votos foram trocados com muito choro juntamente com anéis brilhantes, e um primeiro beijo apaixonado foi recebido com aplausos barulhentos, e então mais lágrimas, de ambas as famílias.

Mas, do ponto de vista legal, o casamento de Massimiliano Benedetto e Giuseppe Ilaria foi puramente simbólico, e qualquer coisa, menos tradicional, em um país onde os casais gays não têm direitos.

"Essa é uma celebração que foge às regras", disse Imma Battaglia, um dos ativistas dos direitos gays mais proeminentes da Itália, que oficiou a cerimônia em um hotel de luxo. "Os gays são acusados de ser algo perigoso para a família. Em vez disso, hoje, Massimiliano e Giuseppe estão realizando um desejo que reforça o conceito de família".

Eles também estão fazendo uma declaração política. Movimentos a favor de garantir o estatuto legal do casamento homossexual tem ganhado velocidade ao redor do mundo. Ao menos 13 países já legalizaram o casamento gay, assim como muitos estados e o Distrito de Colúmbia nos Estados Unidos. A Nova Zelândia aprovou o casamento entre pessoas do mesmo sexo em abril, assim como o Uruguai e em maio deste ano, o Brasil.

Na Europa, a Grã-Bretanha aprovou o casamento entre pessoas do mesmo sexo. A Câmara dos Lordes permitiu que casais que já vivem em união civil convertam sua relação em um casamento. A medida, patrocinada pelo governo, foi aprovada pelos parlamentares com 366 votos a favor e 161 contra e ainda gera polêmica. A Alemanha aguarda votação do Bundestag para fazer o mesmo. A França teve seus primeiros casamentos gays legais, embora o assunto ainda gere protestos pelos opositores. Uniões homoafetivas, mas não casamentos, são legais em vários outros países.

A Itália é um dos poucos países na Europa Ocidental que não reconhece uniões homoafetivas de nenhum tipo. Durante anos, projetos de lei legalizando relacionamentos gays fracassaram no Parlamento, pela indiferença de centro-esquerda e hostilidade de centro-direita. Durante os últimos 15 anos, várias cidades italianas, incluindo Milão, no ano passado, aprovaram um registro civil para casais do mesmo sexo, mas os poucos direitos sancionados acabam no limite da cidade. Roma não está entre elas.

"Eu não quero parecer retórica mas, nós amamos nossos meninos, e como italiana eu me sinto um pouco envergonhada", disse Marinella Benedetto, mãe de Massimiliano, que o acompanhou até o altar. "Mas os tempos estão evoluindo e mudando, nós só precisamos avançar no tempo."

Desde que anunciaram a data do casamento, os noivos viraram manchete. "Um amigo nosso de Nova York que veio para o casamento disse que ele não conseguia entender qual era o grande problema", Benedetto disse sobre o falatório no evento. "Eu expliquei: 'Estamos na Itália'".

"Muitas pessoas nos perguntaram: 'Por que vocês não se casam no exterior?'" , Ilaria disse durante uma entrevista na casa que os dois homens dividem com dois cachorros. "Mas era importante para nós que fosse em Roma, para que nossa família pudesse participar. Não faria sentido de outra forma", disse ele. "Não teria nenhum valor".

Pesquisas sugerem que, no caso dos direitos gays, a sociedade italiana pode ser mais tolerante do que os parlamentares que a representam. Um estudo feito em 2011 pela agência nacional de estatísticas, Istat, descobriu que quase 63% dos italianos acham que os casais homossexuais deveriam ter os mesmos direitos legais dos casais heterossexuais, e que quase 44% deles acham que os casais gays deveriam poder se casar.

"De modo geral, nossos políticos não têm a coragem de enfrentar esse problema", disse Giuseppina La Delfa, presidente da Famiglie Arcobaleno, associação para pais gays. "Eles colocam suas carreiras antes de tudo; têm medo de perturbar a opinião pública".

Ainda assim, em maio, parlamentares italianos votaram para estender seus planos de saúde parlamentares para parceiros do mesmo sexo, desencadeando acusações de hipocrisia e elitismo.

"É uma versão gay de 'A Revolução dos Bichos' de George Orwell, onde alguns são mais iguais que outros", escreveu Luca Mastrantonio no jornal Corriere della Sera. "Mas é apenas o Parlamento italiano, que mais uma vez, aumenta o abismo entre as instituições e os cidadãos comuns".

Alguns críticos apontam para a influência do Vaticano sobre os parlamentares como o principal obstáculo para a aprovação da legislação dos direitos gays, mas para outros, isso é apenas uma desculpa.

"O Vaticano apenas faz seu trabalho, é como um fanfarrão na balada, decidindo quem está na moda e quem está fora dela", disse Alessandro Bentivegna, um dos fundadores da Same Love. Dois anos atrás, ele entrou em um relacionamento civil em Dublin, sobre o qual escreve em seu blog.

"A Irlanda é tão católica quanto à Itália, ainda assim, estão 100 anos à nossa frente", disse. A Irlanda legalizou uniões entre gays em 2010.

Há alguns sinais de que o novo Parlamento poderia estar mais aberto em relação ao assunto. Josefa Idem, ministra da Igualdade, disse em várias ocasiões que ela lutaria por direitos iguais para os casais gays. E um projeto de lei para combater a homofobia, apresentado em maio, deve ser aprovado depois da assinatura de mais de um terço dos membros do Parlamento.

"A Itália tem uma cultura machista e homofóbica difusa", disse Laura Boldrini, presidente da Câmara dos Deputados, durante um discurso no dia 17 de maio. Ela também pediu o reconhecimento das uniões homossexuais.

Casamento pode ser um assunto mais difícil para eles engolirem, "mesmo que a sociedade tenha evoluído", disse Ivan Scalfarotto, um parlamentar do partido democrático que apresentou um projeto a favor do casamento gay. "Eu ficaria satisfeito se nós aprovássemos as uniões civis, mas eu ainda estaria interessado em saber por que eu pago os mesmos impostos, mas não posso exercer os mesmos direitos que outros cidadãos".

**Brasil estuda tratamento psicológico**

No Brasil, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou, no dia 14 de maio, uma resolução obrigando todos os cartórios do País a celebrar casamentos gays. O tema foi proposto pelo presidente do conselho, ministro Joaquim Barbosa, e aprovado por 14 votos a 1.

A resolução se choca com o projeto de lei que autoriza psicólogos a tratarem a homossexualidade como doença. Apelidada de "cura gay", a proposta foi defendida pelo deputado Marco Feliciano (PSC-SP) e aprovada na Comissão de Direitos e Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara. Ainda vai passar por outras duas comissões: Seguridade Social e Constituição e Justiça. Se aprovada em ambas, segue para a votação em plenário.

As críticas são intensas e os protestos também.

Já nos Estados Unidos, a organização Exodus International, que pregava a cura do homossexualismo, encerrou recentemente suas atividades dizendo que uma nova geração de cristãos está surgindo e quer mudanças.

A entidade trabalhou por 37 anos dizendo que conseguia ajudar os homossexuais a encontrarem "o caminho para ser um cristão pleno" deixando a prática.

Tony Moore, líder da entidade, afirmou que não irá mais promover a cura gay. "Nós fazemos parte de uma comunidade conservadora cristã. Mas nós cessamos e agora queremos vida, um organismo que respira", disse. A Exodus publicou um comunicado oficial pedindo desculpas e o seu presidente, Alan Chambers, concedeu uma entrevista à CNN dizendo que eles acordaram e entenderam que "é doloroso ser um pecador nas mãos de uma igreja com raiva".

Chambers se diz ex-homossexual que passou pelo "tratamento" oferecido pela Exodus e hoje é casado e tem filhos, mas com o fechamento da entidade, ele diz: sinto atração pelos dois sexos.

**Fonte: Diário do Comércio, São Paulo, 22, 23 e 24 jun. 2013. Primeiro Caderno, p. 6**